

A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA PROPULSORA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Tereza Cristina Bastos Silva Lima¹

RESUMO

Este artigo, objetiva refletir a respeito do papel que a afetividade possui nas práticas pedagógicas desenvolvidas por educadores em sala de aula. Tendo como sustentáculo as ideias de Vygotsky e Wallon, assume-se, como pressuposto, que as relações que se instituem entre o sujeito, o objeto de conhecimento e o agente mediador também são fortemente marcadas pela dimensão afetiva, uma vez que determinam impactos subjetivos no sujeito aprendente. Tais impactos podem determinar movimentos de aproximação ou de distanciamento entre o sujeito e o referido objeto de conhecimento; essas relações podem ser estudadas na situação existente em um ambiente escolar. Assim, pretende-se analisar e refletir a respeito de algumas decisões pedagógicas planejadas e desenvolvidas por professores e seus impactos afetivos nas relações que se estabelecem entre o estudante e os conteúdos escolares. Compreendemos que elementos acumulados de pesquisas admitem identificar que as decisões que causam o sucesso na aprendizagem aumentam as chances de se estabelecer uma relação afetiva positiva entre o educando e os conteúdos, aqui denominada como uma relação de aproximação afetiva.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, professor-aluno, afetividade.

INTRODUÇÃO

É notório que o mundo tem passado por grandes transformações que estão afastando o homem da sua essência intervindo nas relações interpessoais no contexto ensino-aprendizagem-afetividade: relação educador-educando.

Ponderando que a escola é um campo de experiência e cidadania é necessário que ela possa trazer no seu embasamento o ideal de adequar aos alunos momentos prazerosos de aprendizagem, por esta razão a grande importância de um bom convívio afetivo entre educadores e educandos dentro do ambiente escolar.

Asseveramos que o processo de ensino-aprendizagem pode ser cultivado quando docente e educando procuram conhecimentos recíproco de suas necessidades, tendo consciência de sua forma de relacionar-se, respeitando as diferenças. O educador na classe necessitará cooperar para desenvolver em seus estudantes a autoestima, a constância, tranquilidade, capacidade de contemplação do admirável, de perdoar, de fazer amigos e de socializar-se. Dessa forma, as instituições escolares não devem dispensar tais conceitos de seu currículo, carecendo de estimular uma rede mais geral de afetividade nas relações

Professora PhD

E-mail: terezacristinabastos@gmail.com

Instituição: Colégio Estadual de Vila de Abrantes

interpessoais, no âmbito escolar, e trabalhando intensivamente para garantir oportunidades de integração.

Assim, discorrer a respeito do afeto como fator do fazer pedagógico é oferecer sentido às formas de sugerir atividades e na realização das mesmas. Portanto, nos momentos de aprendizagem, a afetividade vem como compromisso do educador em provocar ao seu educando a instituir meios para que aconteça um aprendizado efetivo e significativo. Esse comprometimento é um ato afetivo, se não com o estudante, em respeito à sua escolha profissional. Este fato demanda conjecturar que, apesar de todos os obstáculos, devem-se encontrar as lacunas para desenvolver na prática o que se acredita. As práticas dos educadores e sua dedicação aos estudantes despontam, além de comprometimento, afeto.

Desta forma, tão importante quanto às metodologias de ensino utilizadas no dia-a-dia da escola é o lugar que o afeto ocupa na constituição do conhecimento, asseguram alguns teóricos da psicologia do desenvolvimento, como Piaget, Vigotski e Wallon.

O professor como mediador dos processos de ensino e de aprendizagem

Enquanto o professor insistir no papel de mero transmissor de conteúdo, ele não desenvolverá a autonomia do seu aluno. Desta forma, para que o discente consiga transformar informações em conhecimentos será necessário que o professor articule o conteúdo de forma a dar sentido ao que ele está ensinando.

De acordo com Vygotsky (1994) as interações sociais ressaltam o papel fundamental da mediação como aspecto importante para a aprendizagem em que a construção do conhecimento ocorre a partir de um processo de interação entre as pessoas e o conhecimento.

Em consonância com Saviani (1991), a própria existência está condicionada "para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber". Assim, a partir do momento que o professor inicie a sua função pedagógica, existindo como profissional, vai descobrindo e conquistando ferramentas que lhe possibilita exercer com desenvoltura o seu ser docente, transformando desta forma, o seu saber elementar em um saber mais organizado.

Compreendemos que a partir do momento em que o aluno se apropria das práticas culturalmente estabelecidas, vai progredindo. Começa a partir dos processos elementares de pensamento para formas abstratas, que o possibilitarão se apropriar da realidade e assim

Professora PhD

E-mail: terezacristinabastos@gmail.com

Instituição: Colégio Estadual de Vila de Abrantes

controlá-la, corroborando o que afirma Vygotsky (1994), ao demonstrar a importância do outro não somente no processo de construir o seu conhecimento, mas também de constituir-se na condição de sujeito.

Partindo desse pressuposto, acreditamos na importância de refletir acerca da avaliação da aprendizagem, compreendendo que, esse procedimento é necessário para se verificar de que forma os professores ensinam e de que maneira os alunos aprendem e principalmente, nos respaldarmos teoricamente para desenvolver um dos nossos objetivos específicos: categorizar as concepções apresentadas pelos professores, no que diz respeito a avaliação.

Conceituando afetividade

A afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos que são conhecidos e vivenciados na configuração de emoções e de sentimentos. Portanto, é uma ponte em que os indivíduos demonstram sentimentos e emoções em relação a outras pessoas e até coisas.

Desta forma, afetividade é uma palavra oriunda do termo afeto, que é concebido por um apego a alguém ou alguma coisa, instituindo saudade, confiança, carinho, intimidade, suscitando o amor. O afeto é um dos sentimentos que provoca autoestima entre os sujeitos, lançando hormônios que alteram bem-estar ao corpo. As emoções, sentimentos e paixões, seguidas de dor ou prazer, tristeza ou alegria, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, se tornam um conjunto de fenômenos psicológicos.

Antunes (2006), conceitua a afetividade como:

Um conjunto de fenômenos que se manifestam sob forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra escrita a história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor. (ANTUNES, 2006, p.5).

No que tange o campo afetivo existem diversas formas de exteriorizar o afeto. Algumas são mais significativas quando rodeia mais a atuação corpórea e outras que já são mais contidas ou que se aplicam de outros ambientes, como por exemplo, escrever uma carta, dar presente a uma pessoa, que são modos mais pensantes de mostrar-se a afetividade.

Todavia, a sociedade contemporânea é vista como consumista, onde o ter vale mais que o ser. Indivíduos consomem suas vidas buscando ter altos padrões. Esse tipo de atitude origina consequências negativas, provocando a falta de convívio, de carinho mútuo, de intimidade, e pôr fim a falta afetiva.

Assim sendo, no mundo moderno, encontramos indivíduos cheios de si e vazios de amor e afeto. Seres que coloca suas necessidades materiais sobrepor as suas indigências emocionais. Dessa forma, podemos verificar uma sociedade adoecida de pessoas deprimidas se escondendo por traz de máscaras, sorrindo por fora e chorando por dentro. Indivíduos psicologicamente afetadas pela falta de sentimentos, falta de troca afetiva.

Portanto, essa sociedade adoecida reflete-se na escola e no processo de ensino-aprendizagem.

O afeto existente na relação educador-educando

Acreditamos que a conexão afetiva que o educador constitui com o seu educando na classe escolar, necessita conter um modo libertador e de confiabilidade no dia-a-dia, para dessa forma, eliminar o preconceito bem como os rótulos corriqueiros existentes na escola. Assim sendo, a relação afetiva instituída, beneficia a expressão de pontos individuais entre docente e discente na sucessão dos dias letivos. Além do mais, orienta a autonomia e o sucesso na edificação do processo ensino-aprendizagem, na formação da personalidade, tornando esses alunos adultos seguros de si e com capacidade de desenvolver uma crítica no que tange ao mundo que o cerca.

Ponderamos, que muitos fatores prejudicam o ensino e a aprendizagem, principalmente quando o afeto não estar inserido em alguns períodos coloquiais na educação. Assim sendo, cremos que a afetividade seja capaz de dismantelar a baixa estima em sala de aula, no momento em que o aluno não consiga se apropriar do conhecimento. Porquanto, necessário se faz que o professor detenha o seu equilíbrio emocional, possibilitando ao aluno um ambiente facilitador da aprendizagem.

Portanto, a afetividade é capaz de amenizar a baixa autoestima sentida pelo aluno quando não consegue apreender determinado conteúdo. Desta forma, cabe ao profissional de educação, desenvolver a afetividade na sala de aula, demonstrando empatia, deixando claro que se importa com o seu aluno, dando-lhe atenção, carinho, incentivando-o a conhecer seu potencial, confiando na sua capacidade de transformar informações em conhecimentos.

Professora PhD

E-mail: terezacristinabastos@gmail.com

Instituição: Colégio Estadual de Vila de Abrantes

Desta forma, ao deixar claro os seus verdadeiros sentimentos, o professor poderá estreitar os laços, possibilitando crescimento mútuo. Assim, ao apresentar um olhar carinhoso diante das dificuldades do seu aluno, ele poderá ter uma resposta positiva, além de uma mudança de comportamento, por parte desse estudante, possibilitando um ambiente acolhedor e propício para que a aprendizagem, de fato, ocorra.

Contribuições de Henry Wallon

De acordo com Wallon, a afetividade é uma ferramenta que pode possibilitar a apreensão do educando no que diz respeito ao processo de ensino e de aprendizagem, bem como, fornece subsídios para uma reflexão no que diz respeito a criação das condições para beneficiar essa relação, adequando a aprendizagem de novos desempenhos, ideias e valores. A teoria de desenvolvimento delinea características de cada estágio, apresentando informações para uma ponderação tornando o ensinar e o aprender mais fértil, possibilitando ao educador questões de referência para guiar e testar atividades apropriadas. A identificação das características de cada estágio pertinente ao ensino, pelo professor, consentirá a elaboração de meios que possam promover uma conexão mais coerente no que tange o ensino-aprendizagem.

Wallon aponta estágios diferenciados e descontínuos no desenvolvimento humano, que são marcados por rupturas e reformulações. De tal modo, a passagem de um estágio ao outro é intranquila; assim, apresenta, crises e desordens contemporâneas e exercem papel fundamental nas mudanças psíquicas do educando.

De acordo com o autor, o ser humano está envolvido com o afeto, a partir do seu nascimento, até porque a afetividade cumpre um papel primordial no desenvolvimento e no estabelecimento das relações sociais.

Partindo dessa premissa, educar não significa tão somente reproduzir informações, mas, fazer com que o estudante tome consciência de si, dos outros, da sociedade em que vive, bem como, do seu papel no contexto. A interação entre aluno e professor proporciona o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Portanto, pequenas atitudes como um sorriso, uma escuta ativa e um gesto respeitoso são basilares quando o docente arremete afetividade na relação, porquanto tais subsídios são combustíveis imperativos para a adequação do aluno quando a segurança, do conhecimento e do seu desenvolvimento.

Assim sendo, para que sejam enfrentados os desafios da relação com os educandos e a afetividade se configure em um instrumento eficaz, é imperativo que sejam claras as intencionalidades do professor em seus atos e preferências. Portanto, na prática, constitui literalmente observar a intenção por trás de cada ação, aproximação, gesto ou fala, entendendo se esta está ajudando ou não na edificação de sentimentos positivos, como por exemplo, o respeito e a confiança. Compreendendo que a natureza dessas intencionalidades pode variar de classe para classe, de estudante para estudante, bem como, de estágio para estágio do processo de escolarização.

Contribuições de Vygotsky

Vygotsky (1996), esclarece que a relação educador/educando, não precisa ser de imposição, mas, sim de cooperação, de respeito e de crescimento. O estudante necessita ser considerado como um ser interativo e ativo no seu processo de construção do conhecimento. Dessa forma, cabe ao professor assumir o papel principal nessa conjuntura, principalmente, por ser um sujeito mais experiente. Consequentemente cabe a ele, levar em consideração analisar e respeitar o que o aluno já sabe, compreendendo que a sua bagagem cultural terá importância na construção da aprendizagem. Assim, o educador será o mediador da aprendizagem promovendo-lhe a propriedade e a assimilação das distintas ferramentas culturais.

Em consonância com o autor, a construção do conhecimento se produz coletivamente, assim sendo, sem desconhecer a atuação intrapsíquica do sujeito. De tal modo o autor conceituou o desenvolvimento intelectual de cada pessoa em dois níveis: real e potencial. O real é aquele já adquirido e formado que determina o que o estudante já é capaz de fazer por si só, ou seja, ele já possui um conhecimento sólido. Afirma que o conhecimento se processa dentro de um contexto, por meio das influências sociais mais significativas que a conjuntura biológica. Portanto, a aprendizagem antecipa processos superiores internos que apenas serão capazes de operar quando o aluno interagir com o meio ambiente e com outros estudantes. Assim é fundamental que esses processos sejam internalizados.

Contribuições de Piaget

Professora PhD

E-mail: terezacristinabastos@gmail.com

Instituição: Colégio Estadual de Vila de Abrantes

Piaget (2001) defende que o desenvolvimento transcorre de uma indigência, que nada mais é que o desequilíbrio instaurado com o confronto das estruturas internas do indivíduo e o seu meio externo. Assim, é a partir da intenção de satisfazer uma necessidade, ou de reequilibrar-se, que brotam os dois mecanismos fundamentais da construção do conhecimento, presentes sobretudo nas fases pré-operatórias e operatórias do pensamento. A primeira convergência é acionar as coisas e as pessoas à atividade própria do indivíduo, isto é, assimilar o mundo exterior os arcabouços já edificadas e, a segunda, é reajustar estas últimas em função das mudanças advindas, ou seja, ‘acomodá-las’ aos objetos externos.

O autor analisa que em toda a conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que a técnica e o adequação dos meios agregados compõem o aspecto cognitivo, seja ele sensório-motor ou racional. A vida afetiva institui-se, por assim dizer, em um predominante fundamental para a constituição das estruturas lógicas do pensamento.

Afirma que, se a moral, apreendida como coordenação de valores, é análoga a um “agrupamento lógico”, é preciso então aceitar que os sentimentos interindividuais dão lugar a várias espécies de operações. Dessa forma, à primeira vista, que a vida afetiva é de ordem meramente intuitiva e que sua espontaneidade afasta tudo que lembra uma operação da inteligência. Assim, na realidade, esta tese romântica só é verdadeira na primeira infância, durante a qual a impulsividade impede toda a orientação constante do pensamento e dos sentimentos. Portanto, à medida que estes se constituem, observa-se, ao contrário, serem regulações, cuja forma de equilíbrio final é à vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que refletimos, podemos concluir que a afetividade possui um papel fundamental na relação educador-educando no processo de aprendizagem e de aprendizagem, em que o educador tem como papel, possibilitar um ambiente agradável, seguro e amoroso favorecendo à aprendizagem.

Acreditamos que o professor é referencial para seus alunos. Assim, o estudante permanece uma boa parte do tempo na escola, assim, ele deve avaliar e (re) avaliar a sua prática

Professora PhD

E-mail: terezacristinabastos@gmail.com

Instituição: Colégio Estadual de Vila de Abrantes

pedagógica para não influenciar o docente de forma negativa na sua trajetória acadêmica e pessoal para não acarretar bloqueios e traumas que podem destruir os sonhos, desejos e realizações que o aluno poderá possuir no presente e no futuro.

Dessa forma, o educador necessita instigar o educando a desenvolver a sua confiança e a sua autoestima, valorizando os conhecimentos e as atitudes inerentes ao ensino-aprendizagem.

Assim, o professor não deve considerar tão somente à transmissão de conteúdo, mas os aspectos afetivos que possam favorecer e possibilitar que o estudante, consigam transformar as informações em conhecimentos.

Todavia, apesar de reconhecermos a relevância dos fatores emocionais e afetivos no processo ensino-aprendizagem, não cabe a escola, resolver dificuldades nesta área, mas, possibilitar a aquisição e a reformulação dos conhecimentos organizados por uma sociedade. Apesar do educador levar em conta os aspectos emocionais, não é função da escola promover ajustamento afetivo, saúde mental ou mesmo a felicidade. Assim, cabe à escola esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, em que os estudantes se sintam bem, e consigam realizar as suas atividades normalmente.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina Maxiprint, 2006. 194p
- Piaget, J. (2001). **Seis estudos de psicologia**. (24ª ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- SAVIANI, D. **Sobre a natureza e a especificidade da educação**. In: Saviani, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1991;
- VIGOTSKY, Levi. **Ciclo da Aprendizagem**: Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WALLON, Henry (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa (coletânea).
- _____. **O desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção**. Revista Didática Sistêmica, vol.4, julho dezembro de 2006.